



A (in)visibilidade do trabalho feminino nos *Almanachs* de Pelotas (1913 - 1935)

Paula Garcia Lima¹

Francisca Ferreira Michelin²

Resumo: Este trabalho tem por objetivo indicar as relações entre mulheres e trabalho a partir da observação dos *Almanachs* de Pelotas, tomando como elementos de análise específicos os seus textos, fotografias e reclames. A referida publicação, de periodicidade anual, circulou em Pelotas entre os anos de 1913 e 1935, tendo como objetivo principal divulgar os progressos modernos da cidade. Ao serem tecidas observações sobre o trabalho feminino promulgado por meio dos elementos citados, pode-se, além disso, sugerir que a delimitação do público do periódico era prioritariamente o masculino e mais conservador, o que pode justificar os discursos em torno do ideal de mulheres como donas de casa e, nos casos de trabalho fora do lar, repletos de limites baseados nas atribuições de papéis sexuais. Discute-se, através deste texto, a histórica invisibilização das mulheres, questão que, se por um lado notória nos *Almanachs*, contraditoriamente, é a visibilidade por eles propiciada que permite a análise dos trabalhos possíveis para aquelas mulheres. Daí o título do artigo colocado de forma dúbia sobre o fato de o periódico dar vistas ou não a essas questões.

Palavras-chave: Mulheres, Trabalho, *Almanachs* de Pelotas.

Abstract: This paper aims to indicate the relationships between women and work through observation of “*Almanachs* de Pelotas”, taking specific elements of analysis as its texts, photographs and ads. The aforementioned publication, edited annually, circulated in Pelotas between the years 1913 and 1935, with the main objective to divulge the modern progress of the city. As are woven observations of female work promulgated by the before cited elements, it can also be suggested that the delimitation of the periodic’s public was mainly the male and more conservative, which may explain the discourses around the ideal of women as housewives and, in cases of outside home work, with limits based on assignments of gender roles. It discusses, through this text, the historical invisibility of women, an issue that, if on one hand is notorious in the *Almanachs*, paradoxically, is the visibility afforded by them that enable the analysis of possible works for those women. Hence the title of the article placed in a dubious way about the fact that the periodical consideres or not these issues.

Keywords: Women, Work, *Almanachs* de Pelotas.

Introdução

¹ Professora Doutora no Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas. Contato: paulaglima@gmail.com.

² Professora Doutora no Departamento de Museologia, Conservação e Restauro e Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Pelotas. Contato: fmichelon.ufpel@gmail.com.

Nas primeiras décadas do século XX, os movimentos que marcavam as reivindicações de mulheres e que, somados viriam a ser conhecidos como a primeira onda feminista, desenharam parte de um cenário no qual profundas mudanças já se anunciavam. Neste século, os pressupostos de “direitos iguais a cidadania”, levaram, por conseguinte, a noção de igualdade entre os sexos, promovendo manifestações de mulheres na Europa, na América do Norte e, ainda, em mais alguns países (PISCITELLI, 2002). Esta chamada fase do movimento feminista, com grande efervescência por volta dos anos 1920 e 1930, se deu, inicialmente, na Inglaterra, com a reivindicação de direito ao voto e, também, de acesso à propriedade e à educação (PINTO, 2010) (PISCITELLI, 2002). No entanto, o que parece ter sido, a um olhar rápido do presente, uma onda intensa de mudanças, confronta-se com situações opostas, exemplificadas pelos objetos que neste texto são investigados e que circularam no mesmo trecho temporal sem, de fato, transparecer as reivindicações daquele movimento. Dedicar-se este estudo a observar parte do conteúdo de uma publicação anual do sul do Brasil.

Fala-se dos *Almanachs* de Pelotas, editados entre os anos 1913 e 1935, totalizando 23 edições. Na pesquisa que vem sendo realizada sobre esta publicação, observou-se que as aparições femininas, seja nas ilustrações de reclames, seja em fotografias, é bastante reduzida se comparada à presença masculina. Nas ilustrações dos reclames, as figuras de homens representam mais do que o dobro das figuras de mulheres e, nas fotografias, essa diferença se amplia ainda mais, resultando que eles aparecem cerca de quatro vezes mais do que elas. Ressalta-se, neste momento, que as fotografias foram observadas a partir de um método muito mais quantitativo, o qual, no entanto, permite relações qualitativas. Além destes dados, o “tom masculino” dos *Almanachs* também aparece muito demarcado nos textos, incluindo um trecho do prefácio de sua primeira edição (primeiro contato do leitor com o produto que surgia e então se lançava ao público pretendido), em 1913, no qual o articulista apresenta o periódico dizendo que “é elle ainda quem te lembra o cumprimento dos teus deveres de cidadão e dos teus encargos de contribuinte, e, para amenisar-te os ócios de **chefe de família e de homem de trabalho (...)**” (Prefácio *Almanach* de Pelotas, 1913, p. 3, grifo nosso). No que se encontra grifado faz-se insuspeito o direcionamento valorativo ao masculino: “o chefe”, “o homem”. Além de conter inúmeros aspectos concernentes aos papéis de gênero, que indicam a linha editorial da publicação, o homem é posto na liderança da família e explicita-se que é ele quem “trabalha”, o que se subentende referência ao trabalho remunerado e fora do lar. Já se desenha nesta arguição o campo de atuação das mulheres, colocando-as em situação de dependência financeira, motivo ou reflexo de outras formas de submissão.

Enfaticamente mais direcionado aos homens, a publicação era plena de ditames, contendo normas de conduta e de comportamento para as mulheres. A idealização da mulher como mantenedora e responsável pela família (recurso recorrente neste tipo de produto e no período em questão, conforme será visto no tópico seguinte) é explicitada no texto, “A.B.C. das mães de família”, do *Almanach* de 1918, conforme segue:

Amiga de sua casa, bemquista dos vizinhos, caridosa com os pobres, devota de Deus e da Virgem Santissima, entendida nas suas obrigações, fiel a seu marido, geitosa no regimen da casa, honesta no trato, incasavel no dever, justa nos negócios, leal nas relações, mansa com os filhos e creados, nobre nas acções, obediente a seu marido, paciente nos trabalhos, querida de todos, sisuda nas palavras, trabalhadora, urbana, vigilante e zelosa. (Extr.) (A.B.C. das mães de família. *Almanach* de Pelotas, 1918, p. 104)

Incitava-se o local e as funções consideradas apropriadas para as mulheres: confiadas as suas casas e executando e/ou gerenciando os trabalhos do lar. A menção ao trato com os criados indica que o periódico estava a falar para um público burguês, notadamente, para quem a criadagem apresentava-se como o campo sobre o qual a dona de casa teria comando (PERROT, 2012).

Os papéis dos gêneros, compostos de comportamentos acordados socialmente, modelavam-se na consonância e adequação de valores e sentimentos. Assim, que entre tantas similares, a ideia de conformidade expressava-se juntamente com a ideia de obediência ao “chefe de família”, invariavelmente o marido. Flagrante exato encontra-se no texto do ano de 1923, pleno de demarcações de gênero e de indicativos de qual deveria ser o trabalho feminino. O título “Os dez mandamentos da mulher casada”, por si, já esclarece o seu conteúdo:

1. Evita a primeira discussão, mas, uma vez iniciada, não desanimes, e fala de maneira que teu marido fique vencido e que assim o sinta.
2. Não te esqueças que casaste com um homem, não com um Deus. Não estranhes, pois, os seus defeitos e as suas imperfeições.
3. Não o aborreças pedindo-lhe dinheiro. Procura não exceder a quota mensal que foi fixada.
4. É possível que teu marido não tenha coração. Mas em todo caso não terá falta de estomago, mais ou menos são. Farás bem em conserva-lo com boa alimentação.
5. Não pronuncies, nas discussões sempre a ultima palavra. Isso o lisongeará e a ti não prejudicará.
6. Lê nos jornaes mais alguma coisa do que os annuncios matrimoniaes e mortuários, para falares com elle coisas que o possam interessar.
7. Sê sempre delicada com elle; lembra-te de que quando elle era teu noivo, o consideravas como um ser superior; não o desprezes agora.
8. Deixa-o acreditar muitas vezes que é mais intelligente que tu, isso o lisongeará.
9. Se é intelligente, sê para elle uma amiga; se é tolo procura eleval-o junto a ti.
10. Respeita os seus Paes, principalmente sua

mãe, a qual elle amou antes de ter te amado. (Os dez mandamentos da mulher casada. *Almanach* de Pelotas, 1923, p. 45)

Afinava-se a submissão feminina com o enaltecimento do homem que, em paroxismo, fá-lo parecer-se a Deus. A questão da dependência financeira, já mencionada anteriormente, também é explicitada neste trecho, restringindo-se à mulher burguesa, cuja habilidade e obrigação era saber administrar a quantia que a ela era passada pelo esposo (PERROT, 2012). Os papéis firmavam o homem como o detentor do dinheiro, obtido pelo seu trabalho remunerado. As funções úteis destinadas às mulheres se inscreviam como prendas domésticas – como cozinhar e manter o esposo adequadamente alimentado, como descrito em alguns ditames acima – as quais, segundo Del Priore (2013), eram consideradas as competências diferenciais para as esposas exemplares.

Outro dado que incutia outro tipo de qualificação às mulheres é que, se inteligentes, deveriam esconder tal fato, numa forma de manter os homens num patamar mais elevado do que o delas. No caso deste texto, está evidente que, na verdade, o foco de interesse são os homens, pois as mulheres é que deveriam esforçar-se para que eles acreditassem ser mais inteligentes do que elas e auxiliar para que os mesmos se imbuíssem dessas características. Exemplo claro de uma tentativa de invisibilizar as mulheres que, por sua vez, tem profundas consequências na relação delas com o trabalho fora do lar, pois a conquista deste seria indicativo de inteligência e competência, distinções que não deveriam lhes pertencer. Mulheres inteligentes eram ameaçadoras (Idem)! A promulgação do ideário de mulheres incultas também está evidenciada no texto transcrito através da informação de quais eram os temas de leitura preferidos pelas mulheres, como assuntos matrimoniais e mortuários, ou seja, assuntos considerados fúteis e menos importantes do que aqueles que interessavam aos homens, os quais, por sua vez, elas são aconselhadas a ler; não para suprir necessidades suas, mas para conseguir estabelecer com eles algum tipo de diálogo considerado mais relevante.

Não surpreende, pois, uma linha editorial machista ao se observar os fundadores e mantenedores da publicação. O *Almanach* de Pelotas foi fundado por Dr. Antonio Gomes da Silva, Ignácio Alves Ferreira e Capitão Florentino Paradedá, que assinavam como Ferreira & Cia, composição que permaneceu até o ano de 1918. No ano seguinte, ocorre a mudança de direção e propriedade, passando a ser exclusivamente do Capitão Florentino Paradedá. Vê-se que somente homens compunham a direção da publicação, com maior permanência e evidência, inclusive, de um Capitão – com certeza uma figura extremamente conservadora e que acreditava e defendia papéis de gênero bastante estabelecidos e segmentados.

O encontro de muitos discursos demonstrativos do que vinha a ser o ideal de mulher – num periódico formado apenas por homens e cujos leitores prioritários na hipótese desta investigação parece ser, também os homens – inicialmente instigou, até que se compreendeu o mesmo como uma possível ferramenta de controle dos homens sobre as mulheres. Eram preceitos femininos colocados para que os homens fossem embasados para ensinar as mulheres, situação que não particulariza os *Almanachs*, uma vez que Pedro (2009), em suas pesquisas, observou a recorrência de discursos sobre as mulheres em publicações cujos principais leitores eram os homens, numa forma de alerta para que as mulheres fossem mantidas em seus lugares e, assim, advertindo para que as funções e posições masculinas não fossem tomadas.

Permeados, então, por discursos de gênero, os *Almanachs* de Pelotas pertenciam a uma tipologia de publicação que, assim como as suas semelhantes, compunham-se de assuntos diversificados, contemplando desde questões que auxiliavam na organização da vida prática dos cidadãos (como taxas de correios e telégrafos, datas para pagamentos de impostos, horários do bonde, serviços e etc.) até aquelas ligadas ao lazer e entretenimento do leitor (como charadas, piadas, histórias, contos, curiosidades e etc.). No entanto, o aspecto mais evidente do periódico era o enaltecimento e a divulgação do desenvolvimento da cidade nos trilhos daquilo que se acreditava por modernidade, bem como as ações e trabalho de seus conterrâneos, caracterizados como proativos e ciosos pelo progresso de sua terra. Cabe observar que os temas diversos enfocavam bastante nos interesses masculinos, como a agricultura, por exemplo, e, a visibilidade aos feitos progressistas dos filhos da cidade, em sua maioria, era dada aqueles empreendidos pelos homens.

Publicações editoriais, de qualquer tipo, seguem uma linha editorial que, por sua vez, baseia-se em determinadas crenças e filosofias. Com os *Almanachs* não foi diferente. Aquilo que os editores acreditavam ser uma sociedade ideal, com homens e mulheres compatíveis a este ideário, constituía os assuntos. Era algo vislumbrado e desejado e, para tanto, o conteúdo selecionado para veiculação seguia esses propósitos. Claro que não representa a realidade como um todo, mas apenas parte dela e por um dado ponto de vista. Por este motivo, a seguir se apresenta um breve panorama sobre o que embasou inicialmente as constituições de gênero e suas conseqüentes funções atribuídas, bem como serão apresentados alguns dados levantados acerca da atuação feminina em Pelotas no trabalho além das fronteiras domésticas.

Mulheres e trabalho

É indiscutível que as mulheres sempre trabalharam, mas, é indiscutível, também, que suas atuações eram invisibilizadas ou tomadas como de menor importância. Inicialmente entre as paredes de sua casa, no trabalho doméstico (colocado como obrigação feminina e justamente por isso não remunerado), o qual é fundamental para a organização da vida não só dessas mulheres, mas de todos que as cercam. A autora Michelle Perrot (2012), inclusive, pondera que as sociedades somente se desenvolveram graças ao trabalho doméstico, não assalariado, não valorizado, não visível.

As atividades femininas no interior do lar, colocadas como atributo das mulheres, originam-se de uma classificação binária do mundo, onde os homens eram ligados à cultura e as mulheres à natureza. Tais associações, segundo Rosaldo e Lamphere, (1979), devem-se ao fato de que se esperava que os homens se constituíssem a partir de suas experiências (que eles mesmos criavam) em instituições sociais (ritos de passagem), ou seja, algo alcançado, atingido pelos seus esforços; já a constituição das mulheres estava a cargo de sua capacidade reprodutora, de suas funções biológicas, logo, não se dava por meio de conquista, mas, sim, a partir de algo inerente ao seu sexo. Por tal espectro, quando nascia uma mulher, nascia, juntamente, um destino que seria, então, intransponível. No momento em que se liga o homem a cultura e a mulher a natureza, em consequência, faz-se outras associações, como do homem com o público e da mulher com o privado, sendo os homens incentivados a romper os vínculos com o lar ao chegarem à determinada etapa da vida e, as mulheres, a manterem. Nesse âmbito, cuja possibilidade se limitava ao mundo privado, a mulher era educada para constituir uma família e dela cuidar, esforçando-se para ser uma esposa ideal e uma boa mãe.

Assim, estes binarismos que estimulavam as mulheres às atividades do lar as apagavam, pois, confinadas nesses ambientes, pouco eram vistas no espaço público. Para Perrot (2012, p.17), “a invisibilidade e o silêncio das mulheres fazem parte da ordem das coisas”, sendo motivo de medo a sua presença em grupo.

Este tipo de trabalho feminino, por sua vez, converge para os ideais das sociedades orientadas pelos pilares do capitalismo, primeiro por não ser remunerado e, segundo, pelo fato de as mulheres, nas suas atribuições, fornecerem alimento e roupas limpas para os seus (marido e filho, por exemplo), deixando-os mais aptos e resistentes para o trabalho, aumentando a sua capacidade de produção e, em consequência, incrementando o lucro do capitalista (RUBIN, 1993). A articulação do trabalho feminino com o capitalismo, importante destacar, não se limita ao trabalho doméstico, uma vez que este sistema, ao absorver cada vez mais mão de obra, inclui a força das mulheres, as quais recebiam menos que os homens e, por isso, eram convenientes para a lógica que impulsiona este modelo econômico.

Assim sendo, é indiscutível, outrossim, que as mulheres transpunham o confinamento doméstico e trabalhavam em outros setores, principalmente a partir dos séculos XVIII e XIX, quando, segundo Perrot (2012), com a Primeira Revolução Industrial, o trabalho feminino é colocado como uma possibilidade que acaba por se concretizar, principalmente como operárias na indústria têxtil. Além de donas de casa e operárias, elas também atuaram como camponesas, empregadas domésticas e, nos séculos XIX e XX, foram inseridas no setor terciário executando atividades de vendedoras, secretárias, enfermeiras e professoras primárias. Embora o leque de opções profissionais tenha se aberto, destaca-se que as mesmas eram limitadas a atividades compatíveis aquilo que se creditava ao ser feminino e aos papéis a ele aceitáveis.

As atividades que congregam o ramo terciário introduziram as mulheres numa situação que antes não lhes era cabida (se consideradas as relações binárias que caracterizavam e construía os diferentes gêneros), já que as colocaram em contato direto com o público. No entanto, as atividades que fizeram isto de uma forma, diga-se, mais exacerbada, foram as atividades de vendedoras e secretárias, pois a enfermagem e a docência estariam ligadas a outras características muito peculiares ao feminino: o cuidado e a doação, as quais, por sua vez, também foram exploradas para vincular o cuidado da família às mulheres. Vê-se que uma coisa leva a outra, permanecendo uma divisão sexual de papéis bastante demarcada.

Voltando-se este ao contexto geográfico específico deste estudo, a cidade de Pelotas, foram levantados alguns dados e informações que coadunam com o que vem sendo traçado até aqui. Confirma-se, neste contexto, a existência de mulheres executando atividades profissionais, as quais se inserem, exatamente, nos ramos citados por Perrot e que se caracterizam como “trabalhos femininos”. Com relação à atuação feminina no trabalho fora do lar, Maciel (2007) traz que era uma constante nos jornais pelotenses notícias relacionadas às mulheres e trabalho, tendo como referências notícias principalmente dos Estados Unidos, onde mulheres tinham abertura em profissões que eram consideradas masculinas, como médicas, advogadas, industriais, barbeiras, dentistas. Em Pelotas, por sua vez, segundo a autora, foram detectadas, com certa regularidade, mulheres exercendo atividades como costureiras, parteiras, médicas, modistas, artistas, amas-de-leite, mulheres que cuidavam de crianças, dos trabalhos domésticos e professoras. Naquele cenário, a medicina praticada por mulheres, por exemplo, ainda era uma exceção, não só na cidade como no país, sendo um exemplo de grande pioneirismo para Pelotas o exercício da medicina pela pelotense Antonieta Dias, filha do proprietário do Jornal Correio Mercantil. Já o exercício do magistério, no final

do século XIX, para a autora, era um trabalho considerado para mulheres, ou seja, socialmente aceito para este gênero, permitindo a inserção das mulheres em atividades profissionais. Segundo ela:

Muitas destas professoras eram mulheres qualificadas, com formação em países europeus, em faculdades como as de Paris, da Corte ou em Colégios Religiosos, o que conferia status e certa identidade profissional. O exemplo dessas qualificações pode ser acompanhado pelas notícias dos jornais pesquisados que mantinham a prática de avisar a chegada de novas professoras na cidade e salientavam na imprensa, com o objetivo de atrair a atenção dos leitores e leitoras, as qualificações das professoras recém chegadas. (Idem, p.54)

Com relação ao setor operário também há dados que indicam grande atuação feminina. Em levantamento do ano de 1920, dos 6.419 trabalhadores da indústria na cidade, 2.043 eram mulheres, configurando cerca de um terço da classe operária do período (LONER, 1999). A autora confirma o que já foi comentado, pois destaca que as integrantes do gênero feminino atuavam, principalmente, nas tecelagens, indústria de vestuário e toucador, ramos para os quais se considerava que as mulheres tinham aptidão. Além disso, pondera-se que, mesmo que o efetivo feminino fosse de um número considerável, a presença das mulheres era silenciosa e sem expressão nas entidades de trabalhadores, posto que a participação das mesmas em sindicatos foi localizada apenas entre os anarquistas na década de 1910 e os comunistas em 1928-29, e, claro que de forma reduzida. Pode-se dizer que tal fato converge para a ligação das mulheres com o privado, pois mesmo que trabalhassem, ficavam mais confinadas no interior das fábricas ou outros locais de trabalho; já os homens, ligados ao público, consideravam-se as figuras adequadas e próprias para a assunção de funções mais políticas e de liderança, como a atuação nos sindicatos.

Ainda dentro do setor fabril, outro dado importante e indicativo da envergadura da atuação feminina no mesmo, foi a criação da Liga Protetora das Operárias em 1919, patrocinada pela Igreja Católica, constituída como entidade benemerente, liderada por mulheres da elite, que tinha por objetivo prestar auxílio para as operárias e, também, prestadoras de serviços domésticos, através da busca de empregos e distribuição de caridade para as mesmas (Idem).

Embora seja fato que havia mulheres que trabalhavam além dos limites dos seus lares, observa-se no periódico analisado, através de textos (como visto na introdução), o estímulo aos papéis de rainhas do lar e anjos tutelares. As mulheres, fora de suas funções tradicionais, eram prognóstico de uma catástrofe, por isso seguiam sendo incitadas (através dos meios educativos e da imprensa, motivados pelo medo da parte mais conservadora da sociedade) a

casarem e atuarem como guardiãs do lar e da família, de forma a limitar os seus anseios e aspirações. Havia, naquele contexto, uma crescente insegurança com as intensas mudanças que o cenário moderno estava acarretando, mudanças estas que só poderiam ser travadas com a manutenção da ordem familiar, a qual era considerada uma incumbência feminina (DEL PRIORE, 2013) (D'INCAO, 2004) (MALUF; MOTT, 1998). Assim, não foram poupados esforços na promulgação deste idealizado papel feminino, sendo que os impressos, como os *Almanachs* de Pelotas, de forma recorrente, buscavam modelar a vida familiar a partir da atuação das mulheres.

Embora tenha se comentado neste texto sobre a invisibilidade do trabalho feminino, a seguir, são apresentados indícios eminentemente visíveis que sugerem o trabalho feminino dentro e fora do lar, a partir dos *Almanachs* de Pelotas. O que agora irá se apresentar é a presença das mulheres na referida publicação, em fotografias e reclames, presença esta que é minoritária face à dos homens (fato que por si já indica a situação feminina), mas através das quais se objetiva traçar leituras possíveis sobre as relações das mulheres com o trabalho, debate já incitado no tópico inicial deste texto com a análise de elementos textuais da publicação.

Mulheres e trabalho nas fotografias dos *Almanachs* de Pelotas

Ao longo das 23 edições dos *Almanachs* de Pelotas, foram contabilizadas 601 fotografias, tanto avulsas quanto ilustrando matérias ou em reclames; sendo que destas, 397 são compostas por pessoas. Destas 397 fotografias que apresentam pessoas, as mulheres estão presentes em 83 e os homens em 314; eles, então, num número quase quatro vezes maior que elas. Esclarece-se que a soma de fotografias que contém mulheres com as que contém homens não coincide com o total de fotografias com pessoas porque em uma mesma fotografia pode haver integrantes dos dois gêneros. Abaixo uma tabela que ilustra os dados mencionados.

Tabela 01 - Contagem e categorização das fotografias

Total de fotografias nos <i>Almanachs</i> de Pelotas (1913-1935)				
Total de fotos	Sem pessoas	Com pessoas	Mulher	Homem
601	204	397	83	314

Fonte: pesquisas da autora

Além desta contabilização, compôs, ainda, a sistematização de fotografias outra forma de classificação, onde as mesmas foram organizadas a partir da observação se estas mulheres aparecem individualmente ou em grupo, conforme apresenta a Tabela 02.

Tabela 02 - Contagem e categorização das fotografias de mulheres

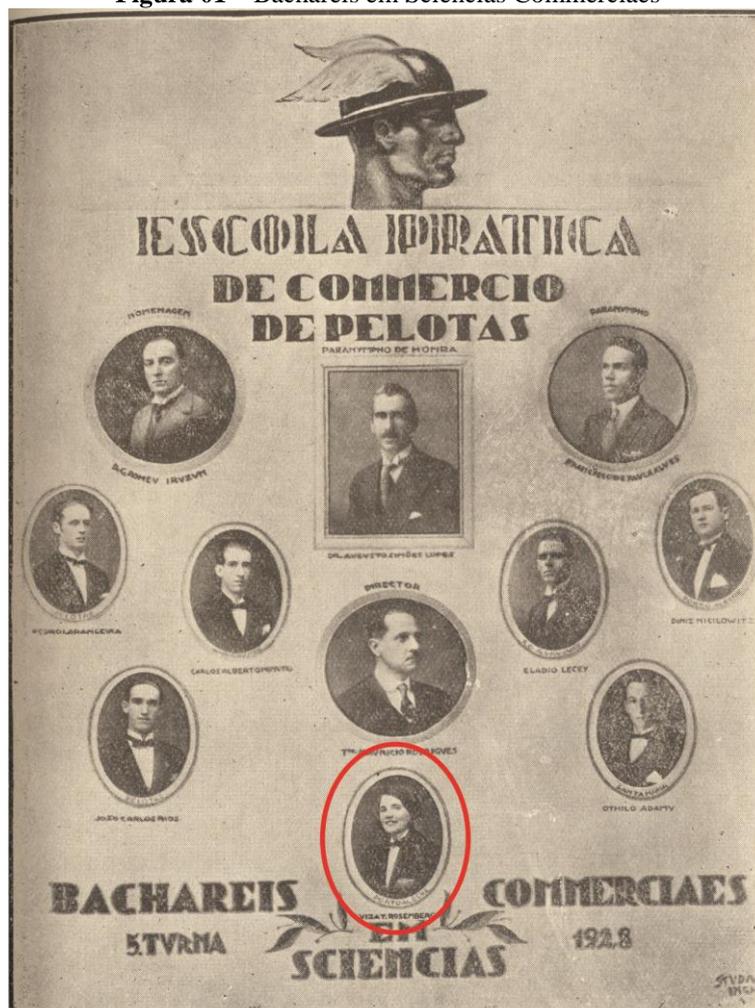
Especificação das fotografias de mulheres nos <i>Almanachs</i> de Pelotas (1913-1935)		
Mulher	Foto individual	Foto em grupo
83	8	75

Fonte: pesquisas da autora

Nota-se, por meio destes números, que a imensa maioria de fotografias com a presença feminina se encontra na categoria de grupo, mas, a tabela acima, não traz algumas informações que serão dadas a seguir, como, por exemplo, que das 75 fotografias de grupo, em somente 12 os grupos são formados apenas por mulheres. Individualmente as mulheres aparecem num total de 08 casos que, somadas com as 12 anteriores, totalizam apenas 20 fotografias que são compostas apenas por integrantes deste gênero (seja em aparições individuais ou em grupo).

Em termos comparativos e que elucidam a respeito do espaço que era destinado às mulheres nesta publicação, analisou-se que enquanto se tem apenas 08 fotografias individuais de mulheres, de homens há 96 (cerca de doze vezes mais); em grupo, as mulheres aparecem 75 vezes (lembrando que somente em 12 são apenas mulheres) já os homens têm um total de 218 aparições nesta categoria. Destas 218 fotografias em que aparecem homens em grupo, 155 são compostas apenas por homens.

Tendo em vista o foco deste texto, outra informação importante de se esclarecer é que de todas as fotos que contém mulheres (83), em 12 delas elas aparecem executando alguma atividade de trabalho, todas classificadas na categoria de grupo e em todas o trabalho se refere ao trabalho fora do lar. Há, ainda, uma única foto, que não registra o trabalho de uma mulher, mas que indica a inserção da mesma no mercado de trabalho, já que diz respeito a um quadro de formandos em “*Sciencias Commerciaes*”, o qual contém uma mulher, conforme figura abaixo.

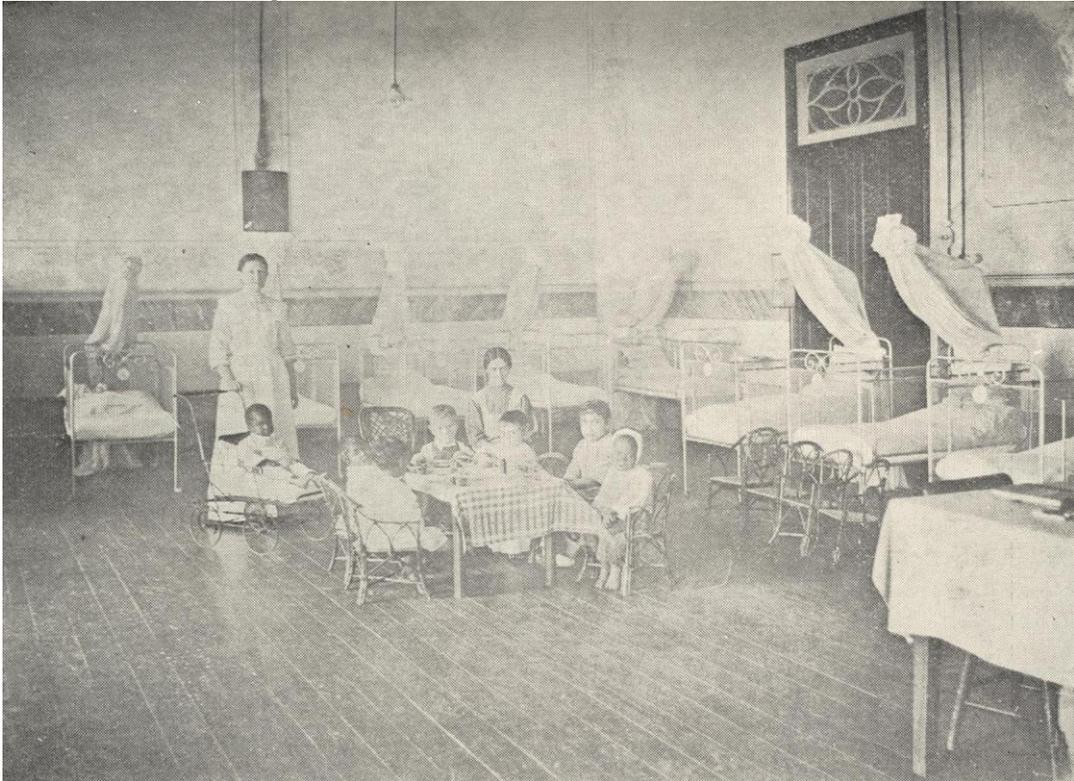
Figura 01 – Bachareis em Sciencias Commerciaes

Fonte: *Almanach de Pelotas 1930*, s.p., entre p.98 e p.99. Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*

Além do exemplo acima, as outras 12 fotografias trazem registros nos quais as mulheres aparecem executando alguma atividade profissional. O primeiro conjunto de fotografias traz modelos muito claros no concernente à relação de trabalho com gênero feminino. Nos quatro casos escolhidos o que se têm são mulheres trabalhando em locais como enfermaria, lavanderia e cozinha, atrelando as mulheres à característica já comentada de doação aos outros e, em todas, pode-se questionar, ainda, sobre qual a diferença existente entre as atividades que aparecem sendo desempenhadas e aquelas que as donas de casa executavam em seus lares? Elas, nestes exemplares, romperam as fronteiras físicas das atividades em suas casas, mas, em contraponto, pouco extrapolam os limites conceituais do trabalho doméstico que era considerado uma obrigação feminina. Interessante destacar que todas as funções retratadas nas quatro imagens abaixo têm como contextos um hospital e um asilo e, novamente, referem-se a situações aceitas para o feminino, pois para Perrot (2012), antes da existência da figura da enfermeira, esses préstimos eram realizados por mulheres

religiosas em locais como os que aqui estão registrados, ou seja, tratava-se de mulheres atuando em espaços já anteriormente ocupados por elas e socialmente aceito para atuação delas.

Figura 02 – Enfermaria da Santa Casa de Misericórdia



Fonte: *Almanach* de Pelotas 1917, s.p., entre p.186 e p.187. Acervo da *Bibliotheca* Pública Pelotense

Figura 03 – Lavanderia da Santa Casa de Misericórdia



Fonte: *Almanach* de Pelotas 1917, s.p., entre p.188 e p.189. Acervo da *Bibliotheca* Pública Pelotense.

Figura 04 – Cozinha da Santa Casa de Misericórdia



Fonte: *Almanach de Pelotas* 1917, s.p., entre p.188 e p.189. Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*

Figura 05 – Cozinha do *Asylo de Mendigos*



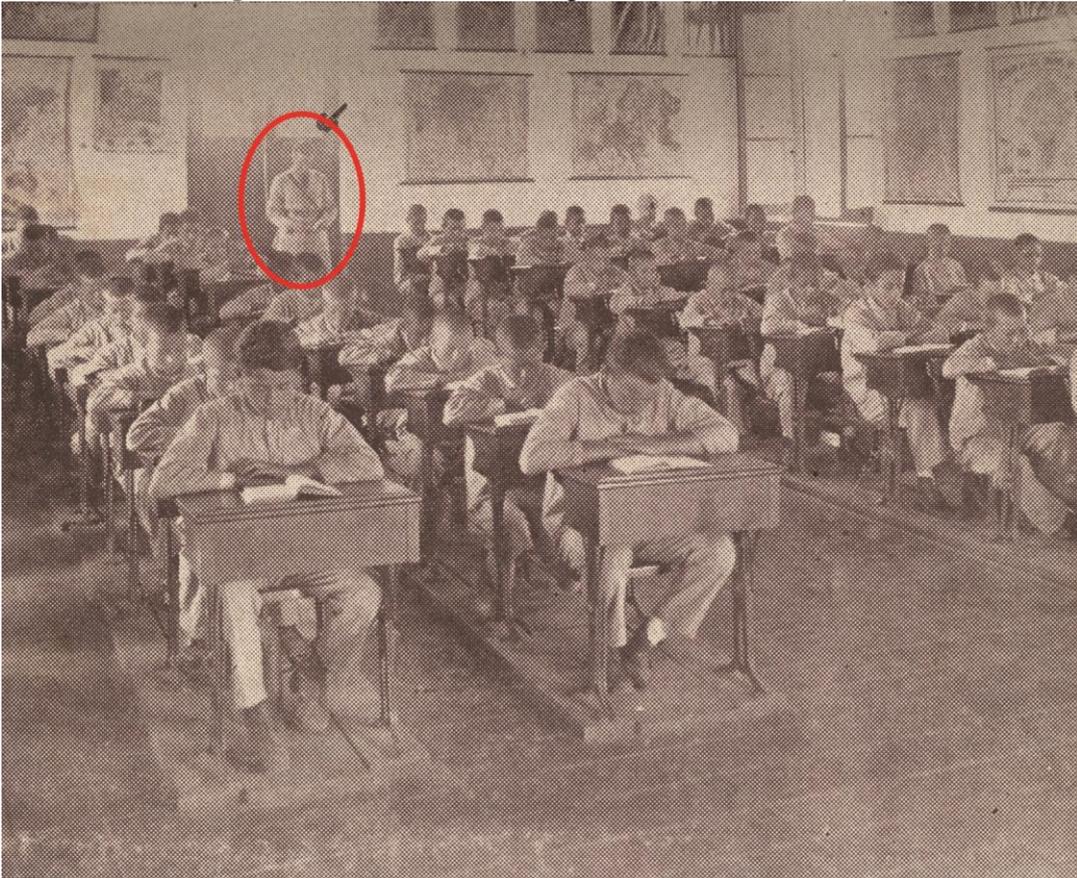
Fonte: *Almanach de Pelotas* 1921, s.p., entre p.56 e p.57. Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*

Assim como estes últimos exemplos, as próximas imagens registram situações de trabalho fora do lar, mas, além disso, também coadunam com os casos das fotografias acima pelo fato de retratarem uma profissão socialmente aceita para o gênero feminino: a docência. Percebe-se que ainda mantém-se a ideia de divisão dos papéis sexuais, daquilo que se “permitia” que as mulheres exercessem. Nos casos da atividade de professoras, as mulheres seguem exercendo algo que, de certa forma, se relacione com doação. Nas fotografias abaixo há um exemplo bastante interessante para essa discussão, pois na Figura 06 há uma mulher como professora que está a orientar a atividade de suas alunas em trabalhos manuais. O que instiga, neste caso, é que a mestre, aquela que ultrapassou as fronteiras do trabalho doméstico, ensina suas pupilas atividades que, por sua vez, as estimula a permanecerem em suas casas executando as ditas atividades femininas: bordar e costurar, numa orientação muito clara à manutenção de papéis. No outro caso, da Figura 07, a circunstância também é interessante, mas pelo fato de haver uma professora no comando de uma sala de aula de meninos. Segundo Perrot (2012), a docência, na figura da mulher, surgiu no momento em que escola se tornou obrigatória para os dois sexos, cabendo a elas, então, ensinar meninas e crianças menores, justamente o caso que aqui se tem, pois embora atuando com meninos, a professora conserva-se no ensino infantil.

Figura 06 – Escola G. E. Joaquim de Assumpção – aula de trabalhos manuais



Fonte: *Almanach de Pelotas* 1929, s.p., entre p.66 e p.68. Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*

Figura 07 – Aula do Patronato Agrícola “Visconde da Graça”

Fonte: Almanaque de Pelotas 1934, s.p., entre p.28 e p.29. Acervo da *Bibliotheca* Pública Pelotense

O último grupo de fotografias apresenta os exemplos mais peculiares que, assim como no caso da Figura 01, apresentam mulheres trabalhando para além do que era considerado “aceitável” pelos editores homens dos *Almanachs* de Pelotas para as “mulheres ideais”. No caso da Figura 01 há o indicativo de uma possível inserção da mulher no mercado de trabalho que transpunha esse limite do permitido por meio da imagem feminina vinculada a um quadro de formatura; já os exemplos abaixo apresentam, de fato, mulheres ultrapassando as fronteiras de gênero mais exacerbadas e impostas, pela representação de operárias de fábrica (Fig.08) e de uma dentista (Fig.09). No entanto, embora estes dois exemplos ampliem o horizonte de possibilidades para as integrantes do gênero feminino em profissões nas quais os homens tinham bem maior admissão, no caso do trabalho na fábrica, por exemplo, nota-se que embora as mulheres retratadas componham quase a totalidade da imagem, ainda é perceptível uma divisão sexual do trabalho, já que elas se encontram na seção de expedição e propaganda da fábrica do medicamento Elixir de Nogueira, executando atividades de organização, encaixotamento e talvez rotulagem dos frascos; provavelmente atreladas ao ideário de que trabalhos meticulosos e de confecção mais “artesanal” fossem mais próprios das mulheres. Já

o caso da mulher dentista é o que mais surpreende no grupo de imagens apresentadas, pois se trata de uma profissão que exige estudo em faculdade, o que não era comum e muito menos incentivado (principalmente em se tratando do caso do objeto que aqui se analisa), contrariando o incentivo ao pouco estudo feminino e o ideário de mulheres incultas.

Figura 08 – Seção de expedição e propaganda da fábrica do Elixir de Nogueira



Fonte: *Almanach de Pelotas* 1921, s.p., entre p.152 e p.153. Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*

Figura 09 – Escola G. E. Joaquim Assumpção – Gabinete dentário

Fonte: *Almanach* de Pelotas 1929, s.p., entre p.98 e p.99. Acervo da *Bibliotheca* Pública Pelotense

A amostragem de 09 fotografias ilustra todas as possibilidades de trabalho apresentados nos *Almanachs* por meio deste tipo de imagem. Todas concernentes ao trabalho fora do lar, porém, quase todas em situações que indicam atividades profissionais atreladas a divisão sexual do trabalho, exceto nos casos do primeiro e último exemplo. Destaca-se, que não há nenhum exemplo fotográfico que registre as mulheres em ações domésticas, diferente dos casos das ilustrações de reclames que a seguir serão apresentados.

Mulheres e trabalho nos reclames dos *Almanachs* de Pelotas

No decorrer de suas 23 edições dos *Almanachs* de Pelotas, foi contabilizado um total de 4107 reclames, que resulta numa média de 179 anúncios por edição. Esta quantia elevada justifica-se pelo financiamento da publicação que, em inúmeros de seus editoriais, em tom queixoso, exaltava que mesmo com o valor crescente dos insumos necessários para a sua produção, a luta era para manter o *Almanach* em circulação, sem visar lucro. No entanto, independente dos motivos, é fato que os anúncios tinham bastante evidência dentro do

periódico e, por isso, ressaltam-se, justificando-se como pertinentes elementos de análise. Além disso, grande parte dos reclames trata da venda de produtos de consumo, lidando diretamente com os sonhos e com as facilidades que poderiam propiciar às pessoas, por isso, tinham de estabelecer uma comunicação eficaz com seu público, ou seja, falar a sua língua.

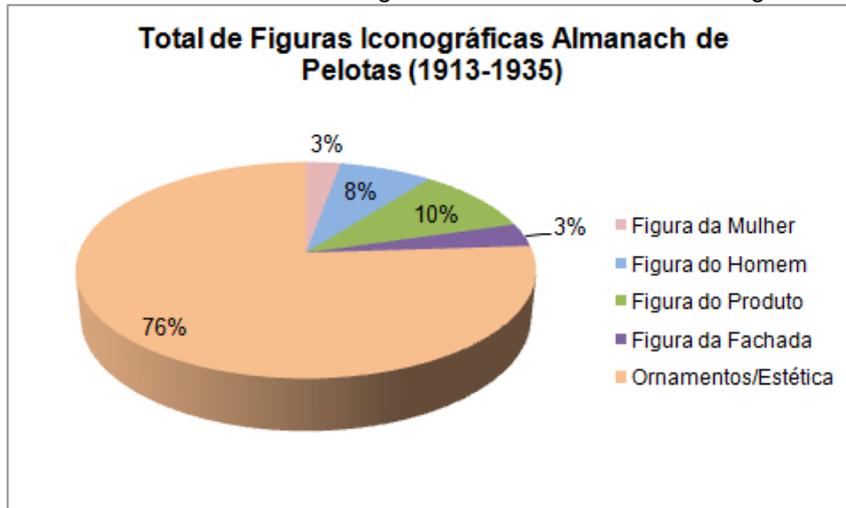
A função de promulgar valores de moralidade e comportamento, próprio da tipologia de publicação na qual os *Almanachs* se inserem, também é notória nos reclames. Eles são repletos de discursos envolvendo a mulher daquela sociedade, os quais enfatizam os papéis de rainha do lar e de anjo tutelar – já evidenciados aqui através dos textos do periódico – seja pelo tipo de produto que era a elas ofertado ou pelo tratamento gráfico e/ou textual nas peças direcionadas a este público. Neste sentido, estudar estes anúncios é esclarecedor na tentativa de entender as funções atribuídas para homens e mulheres em um dado tempo e em um dado local, incluindo as relações de trabalho, pois as “propagandas em geral são um excelente campo para se entender a construção discursiva de gênero...” (FUNCK, 2007, p.190). No entendimento da autora, os artigos publicitários, como os que serão apresentados, podem ser considerados uma representação do mundo, mas, no entanto, sem deixar de significar que elas eram, também, uma construção (Idem). Assim sendo, os anúncios que foram selecionados para ilustrar a discussão, ao mesmo passo que refletiam o seu cenário de circulação, interferiam (no sentido de reforçar, instaurar) os papéis e relações no interior de uma sociedade, incluindo as relações de trabalho vinculadas a ideia de papéis sexuais, como já abordado por meio dos textos e fotografias dos *Almanachs*.

Ainda concernente a influência dos discursos na construção dos papéis sociais dos sujeitos, como nos apelos discursivos dos reclames, a autora (Idem, p.187), conclui que “somos diariamente interpelados/as por discursos homogeneizantes que nos vendem imagens, comportamentos, enfim, que sutilmente nos ‘ensinam’ o que podemos ou não podemos ser”. Desta forma, os discursos presentes nos anúncios dos *Almanachs* funcionam como ferramentas pedagógicas no sentido de inculcar aquilo que aquele público masculino (editores, escritores, leitores) esperava das mulheres de determinada classe e daquele contexto, com vistas a influenciar na construção deste papel, ou mesmo reforçando estas atribuições.

Os 4107 reclames contabilizados, da mesma forma que as fotografias, porém por outro método, também passaram por um processo de sistematização. Deste montante obteve-se que 60% (2459 reclames) integram a categoria iconográficos e 40% (1648 reclames) compõem a categoria não iconográficos. Os iconográficos, por sua vez, classificaram-se por meio da observação se continham as seguintes figuras: de mulher, de homem, de produto, de fachada e de ornamentos e estética. Obteve-se como resultado que o montante de reclames apresenta

3% com figura da mulher, 8% figura do homem, 10% figura do produto, 3% figura da fachada e 76% em ornamentos e estética, vide gráfico abaixo. Fato relevante para a pesquisa e que mais uma vez confirma o espaço de cada gênero na publicação analisada, diz respeito, obviamente, as aparições de figuras de homens e mulheres, sendo que as figuras dos primeiros representam mais do que o dobro das aparições de figuras das segundas.

Gráfico 01 - Percentual das figuras dentre os reclames iconográficos



Fonte: pesquisas da autora

Os exemplos que serão trazidos agora tratam, em específico, dos casos que contemplam os 3% de reclames que contém a figura da mulher, sendo que apenas em um ela se encontra representada junto a um homem, o qual, contudo, é imbuído de significações simbólicas naquilo que tange a divisão sexual do trabalho.

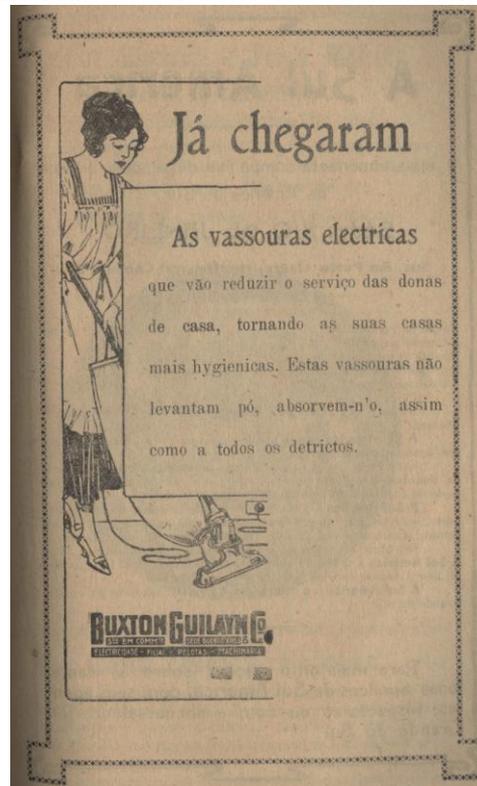
Diferente de todos os exemplos de fotografias, o primeiro grupo de imagens de reclames possui ilustrações que representam mulheres executando atividades domésticas, objetivando vender não só um produto, mas um sonho, promovendo a ideia de facilitação do trabalho narrado. Neles, o que se vê, são mulheres lavando, varrendo e costurando, predicados essenciais para as divulgadas, pelos conteúdos dos *Almanachs*, como mulheres ideais. Além disso, o que se atesta através destes três exemplos, é a promoção da submissão feminina ao que lhes era imposto, visto que todas as mulheres apresentam-se – mesmo que executando atividades domésticas, por muitas vezes duras e cansativas – bem arrumadas (trajando belas roupas, as quais, porém, são desconfortáveis, vide sapato de salto e bico fino das figuras 11 e 12) e com sorriso e olhar meigos, ou seja, em posição de conformidade (quicá felicidade), sem sinal de resistência alguma a situação.

Figura 10 – Reclame F. C. Lang & C^o.- Fabrica de Sabão e Velas

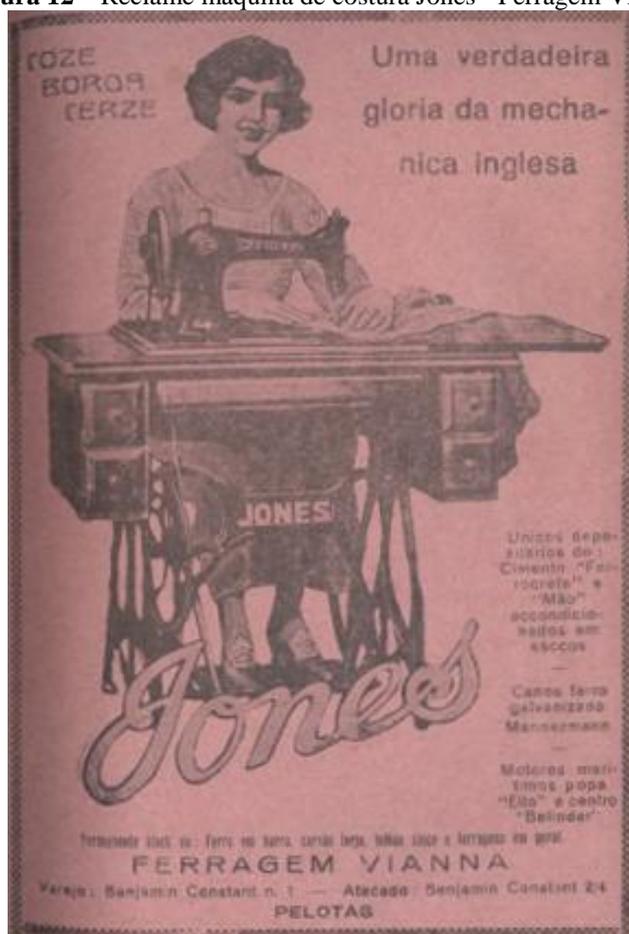


Fonte: *Almanach de Pelotas* 1914, p.110. Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*

Figura 11 – Reclame Vassouras electricas - Buxton Guilayn C^o



Fonte: *Almanach de Pelotas* 1921, p.301. Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*

Figura 12 – Reclame máquina de costura Jones - Ferragem Vianna

Fonte: *Almanach de Pelotas* 1930, s.p., entre p.44 e p.45. Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*

Por fim, o último bloco de imagens, aproxima os exemplos de anúncios dos casos apresentados pelas fotografias, pois trazem situações que indicam o trabalho feminino fora do lar. O primeiro exemplo é bastante peculiar por ser o único reclame, do total de 4107 exemplares, a trazer anunciado um serviço prestado por uma mulher, o que indica uma conjuntura rara ou, ao menos, uma tentativa de invisibilização deste tipo de caso pelos editores do periódico. Interessante destacar que o serviço ofertado, mais uma vez, traz uma profissão considerada feminina, a docência, conforme embasado por literatura citada e por alguns exemplos fotográficos apresentados. No entanto, além de ser um caso peculiar, pelo seu caráter de unicidade, há outro fato instigante: embora seja bastante inovador em se tratando do contexto estudado (tanto com relação ao veículo, quanto com relação ao espaço e ao tempo nos quais circulou), trazer a oferta de um serviço realizado por uma integrante do gênero feminino, que assina um anúncio, causa grande estranheza o uso de uma ilustração de um homem. Permite-se, por meio deste exemplo, supor que a mulher até poderia “servir” para

ensinar, talvez num espaço social muito específico, mas, provavelmente, para datilografar em outros locais, o mais adequado seria delegar esta tarefa aos homens.

Já o último exemplo, da Figura 14, também possui a distinção de ser o único anúncio de toda amostra observada, a trazer como narrativa uma mulher executando um serviço que não o doméstico, como os supra apresentados no grupo de imagens anterior. Neste, não está sendo anunciado o serviço de uma mulher, mas há a ilustração que indica o trabalho feminino na enfermagem, novamente um tipo de atividade considerado próprio ao gênero feminino, inclusive uma das áreas de evidência quando da inserção de mulheres no trabalho fora do lar, conforme comentado neste texto. No entanto, este exemplo coloca questões simbólicas muito significativas repletas de diferenças de gênero: o homem em primeiro plano e a mulher em segundo; o homem grande e a mulher pequena; o homem como médico (considerada uma profissão mais importante) e a mulher como enfermeira (considerada uma profissão mais secundária).

Figura 13 – Reclame Elisa Camorali - professora de datilografia



Fonte: *Almanach* de Pelotas 1925, p.198. Acervo da *Bibliotheca* Pública Pelotense

Figura 14 – Reclame Cafiaspirina - Bayer

Fonte: *Almanach de Pelotas* 1930, s.p., entre p.66 e p.67. Acervo da *Bibliotheca Pública Pelotense*

Por estes artigos comunicativos serem representativos de dadas demandas e necessidades (não só de elementos de consumo, mas de modos de vida sonhados) do período no qual circularam, buscou-se, através deles, compreender as idealizadas relações estipuladas entre mulheres e trabalho. Através destes exemplos, reitera-se a concepção de que produtos publicitários, assim como refletem seu cenário de veiculação, por outro lado, da mesma forma que hoje, contém estratégias nada ingênuas, imbuídas de significados simbólicos, que promoviam e/ou reforçavam (pelos seus premeditados discursos e narrativas) os papéis atribuídos aos atores daquele contexto. Esta concepção converge para o pensamento de Funck (2007), acerca das propagandas como veículos de construção do mundo, como ferramentas de continuamente lembrar padrões e modos de vida; padrões e modos que perpassam as constituições de gênero, tema que desencadeou o debate aqui proposto.

Conclusão

Os *Almanachs* de Pelotas, por meio de seus elementos que foram apresentados (textos, fotografias e reclames), indicam, de acordo com a hipótese colocada, como tendo sido artigos de leitura que tinham o público masculino como prioritário. Seu conteúdo, por si, indica que eles falavam, primeiramente, ao “homem da família”, o qual, possivelmente desempenharia a função de educar e controlar as mulheres por aqueles moldes impostos. Evidente que as mulheres possivelmente os lessem, mas o explícito menor espaço a elas dedicado, tanto nas fotografias quanto nos reclames, convergem para a citada delimitação de leitores. Ora, o número de fotografias com a presença de homens é quase quatro vezes superior aquelas que continham mulheres; e, os reclames, com integrantes do gênero masculino, são mais do que o dobro do que os que apresentam integrantes do gênero feminino. Se não esta, a outra hipótese é que, este menor espaço destinado às mulheres, significa uma tentativa de invisibilizar todas as conquistas que elas vinham obtendo, pois como visto, tratava-se de um período já de intensas lutas no que ficou conhecido como a primeira onda feminista.

Esse apagamento, pelos exemplos trazidos, também está evidenciado no tocante ao trabalho feminino. Seja por considerar o trabalho doméstico algo menos importante, não remunerado, inclusive uma obrigação feminina; seja pelos poucos casos nos quais elas aparecem executando atividades profissionais fora do lar nas fotografias e principalmente nos reclames. No entanto, se por um viés há uma tentativa de invisibilização ao longo das páginas dos *Almanachs*, por outro, contrariando este fato, é através dos indícios nele contidos que se propôs a discussão sobre as relações entre mulheres e trabalho. Casos de desvanecimento, mas que, ainda assim mostram, inspiraram o título do artigo que coloca a dualidade entre o invisível e o visível através do jogo com a palavra “(in)visibilidade”.

Disparidades nas linguagens apresentadas (textos, fotografias e reclames) foram observadas. As fotografias, inclusive pela sua característica intrínseca, parecem apresentar uma situação mais “real”, mais “universal”, das relações das mulheres com o trabalho, para além daquele público mais específico dos *Almanachs*, aparentemente uma classe mais burguesa e mais abastada. Diferente dos textos e anúncios, as fotografias registram uma gama de possibilidades de atuação feminina maior no mercado de trabalho, ainda que repletas de divisão sexual de tarefas. Funções adequadas para o gênero feminino, nas quais foram observadas aptidões para trabalhos correlatos aos das lidas domésticas. No entanto, notou-se que os casos apresentados de trabalho feminino em fotografias não configuravam o enfoque principal do registro, tendo em vista que o periódico estudado tinha o auspício primeiro de divulgar os alcances modernizantes daquela sociedade. Na maioria dos casos as mulheres

aparecem trabalhando em locais ligados a preocupações sanitárias (hospital, asilo, gabinete dentário) e de ensino (professoras nas escolas). No único exemplo que diverge dos casos acima, as mulheres aparecem como operárias. Interpreta-se que as mulheres, nesses exemplos, eram coadjuvantes, posto que o que interessava divulgar era uma cidade que tinha espaços de saúde, de educação e de indústria, empreendimentos necessários para atingir o degrau moderno.

Já nos exemplares de reclames, estes parecem coadunar com a linha editorial do periódico, no sentido de apresentar mulheres idealizadas para os padrões mais conservadores, de mulheres no interior do lar cuidando do esposo e filhos. Mesmo que a amostragem de anúncios contenha exemplos que sugerem o trabalho feminino fora do lar, ressalta-se que são apenas dois que o fazem, num total de 4107 exemplares. Deste montante, o recorrente é encontrar narrativas que coloquem as mulheres na esfera doméstica, num projeto muito próximo daquele encontrado na série de conselhos que compunham os textos dos *Almanachs*, alguns dos quais foram aqui apresentados, voltados para a mãe de família e esposa ideal.

Interessante destacar, mais uma vez, que não há nenhuma foto de mulheres no serviço doméstico (até porque a ideia de registro do instantâneo da fotografia provavelmente não tinha nessa temática algum foco de interesse). A ênfase das fotografias, como dito, era tornar mais visível e concreto os avanços modernos na cidade. Já os reclames apresentam narrativas de mulheres no trabalho doméstico, o que permite vincular à ilustração, algo que pode ser criado e inventado, a ideia de venda não dos produtos que oferecia, mas, além de tudo, da mulher idealizada pela parcela que interessava aos *Almanachs*. Como dito, parece que as mulheres ilustradas são as que coincidem mais com as mulheres descritas pelos textos com seus inúmeros ditames. Texto e desenho podem ser criados, já a fotografia se liga a ideia de registro do real, do que de fato acontecia, do *isto-foi*, de Barthes (1980).

Assim, nas vertentes visuais de apreciação, tanto nas fotografias quanto nos reclames, mesmo que em escassas situações, foram identificados trabalhos femininos dentro e fora do lar, os quais indicaram, que embora possíveis e concretos, estavam intimamente ligados a sua inserção em determinados grupos sociais e as atividades que lhes eram permitidas ou não, a partir de uma divisão sexual do trabalho que, por sua vez, baseava-se nas relações homem-público e mulher-privado. Havia espaços destinados para homens e espaços destinados para mulheres, bem como lugares diferenciados para as mulheres segundo suas características sociais, étnicas e de classe.

Observa-se que este estudo que se debruça no passado, através da análise de exemplos que remontam ao início do século XX, se justifica por trazer questões ainda muito atuais. É

fato inegável as inúmeras conquistas femininas no tocante ao que aqui se discute, o trabalho, mas é inegável, também, que essas vitórias são visíveis sobre uma situação de passado de extrema diferenciação entre os sexos onde as mulheres eram constantemente mitigadas. Se hoje se vive uma situação melhor nesses aspectos, ainda há muito a avançar. Claro que hoje as mulheres desempenham, inclusive, inúmeras atividades que anteriormente eram reduto exclusivamente masculino, no entanto, em termos de valorização e de equiparação de salários ainda se encontram muitas desigualdades.

Por fim, o que se tentou foi trazer para debate observações dos *Almanachs* de Pelotas, do período entre 1913 e 1935, e os discursos neles engendrados. Espera-se, com isso, contribuir para a compreensão dos papéis que até hoje são desempenhados por estes gêneros, a partir de uma ideia de construção que perpassa os tempos e que leva a pesquisa para o caminho do que Scott (1995) defende, que é o de buscar a compreensão de como as ideias implícitas de gênero emergem e se reiteram e por que e desde quando as mulheres são invisibilizadas e apagadas como sujeitos históricos. Assim, o que se intenta é compreender esses discursos do passado, que criavam representações de gênero e que, de tanto se repetirem, naquele contexto e, ainda hoje, se naturalizam, questões observadas no campo do trabalho e que repercutem em tantos outros setores da vida.

Fontes

ALMANACH de Pelotas. Propaganda, Informações úteis, Variedades. Direção de Ferreira & C. Pelotas: Officinas Typographicas do Diário Popular, 1913. Acervo Histórico da Bibliotheca Pública de Pelotas.

ALMANACH de Pelotas. Propaganda, Informações úteis, Variedade. Direção de Ferreira & C. Pelotas: Officinas Typographicas do Diário Popular, 1914. Acervo Histórico da Bibliotheca Pública de Pelotas.

ALMANACH de Pelotas. Propaganda, Informações úteis, Variedade. Direção de Ferreira & C. Pelotas: Officinas Typographicas do Diário Popular, 1915. Acervo Histórico da Bibliotheca Pública de Pelotas.

ALMANACH de Pelotas. Variedades, Informações, Propaganda. IV Ano. Direção de Ferreira & C. Pelotas: Officinas Typographicas do Diário Popular, 1916. Acervo Histórico da Bibliotheca Pública de Pelotas.

ALMANACH de Pelotas. Variedades, Informações, Propaganda. V Ano. Direcção de Ferreira & C. Pelotas: Oficinas Typographicas do Diário Popular, 1917. Acervo Histórico da Bibliotheca Pública de Pelotas.

ALMANACH de Pelotas. Variedades, Informações, Propaganda. VI Ano. Direcção de Ferreira & C. Pelotas: Oficinas Typographicas do Diário Popular, 1918. Acervo Histórico da Bibliotheca Pública de Pelotas.

ALMANACH de Pelotas. Variedades, Informações, Propaganda. VII Ano. Direcção e Propriedade de Florentino Paradedá. Pelotas: Oficinas Typographicas do Diário Popular, 1919. Acervo Histórico da Bibliotheca Pública de Pelotas.

ALMANACH de Pelotas. Variedades, Informações, Propaganda. VIII Ano. Direcção e Propriedade de Florentino Paradedá. Pelotas: Oficinas Typographicas do Diário Popular, 1920. Acervo Histórico da Bibliotheca Pública de Pelotas.

ALMANACH de Pelotas. Variedades, Informações, Propaganda. IX Ano. Direcção e Propriedade de Florentino Paradedá. Pelotas: Tipografia A Guarany, 1921. Acervo Histórico da Bibliotheca Pública de Pelotas.

ALMANACH de Pelotas. Variedades, Informações, Propaganda. X Ano. Direcção e Propriedade de Florentino Paradedá. Pelotas: Tipografia A Guarany, 1922. Acervo Histórico da Bibliotheca Pública de Pelotas.

ALMANACH de Pelotas. Variedades, Informações, Propaganda. XI Ano. Direcção e Propriedade de Florentino Paradedá. Pelotas: Tipografia A Guarany, 1923. Acervo Histórico da Bibliotheca Pública de Pelotas.

ALMANACH de Pelotas. Variedades, Informações, Propaganda. XII Ano. Direcção e Propriedade de Florentino Paradedá. Pelotas: Tipografia A Guarany, 1924. Acervo Histórico da Bibliotheca Pública de Pelotas.

ALMANACH de Pelotas. Variedades, Informações, Propaganda. XIII Ano. Direcção e Propriedade de Florentino Paradedá. Pelotas: Tipografia A Guarany, 1925. Acervo Histórico da Bibliotheca Pública de Pelotas.

ALMANACH de Pelotas. Variedades, Informações, Propaganda. XIV Ano. Direcção e Propriedade de Florentino Paradedá. Pelotas: Tipografia A Guarany, 1926. Acervo Histórico da Bibliotheca Pública de Pelotas.

ALMANACH de Pelotas. Variedades, Informações, Propaganda. XV Ano. Direcção e Propriedade de Florentino Paradedá. Pelotas: Tipografia A Guarany, 1927. Acervo Histórico da Bibliotheca Pública de Pelotas.

ALMANACH de Pelotas. Variedades, Informações, Propaganda. XVI Ano. Direção e Propriedade de Florentino Paradedá. Pelotas: Tipografia A Guarany, 1928. Acervo Histórico da Bibliotheca Pública de Pelotas.

ALMANACH de Pelotas. Variedades, Informações, Propaganda. XVII Ano. Direção e Propriedade de Florentino Paradedá. Pelotas: Tipografia Livraria do Globo, 1929. Acervo Histórico da Bibliotheca Pública de Pelotas.

ALMANACH de Pelotas. Variedades, Informações, Propaganda. XVIII Ano. Direção e Propriedade de Florentino Paradedá. Pelotas: Tipografia Livraria do Globo, 1930. Acervo Histórico da Bibliotheca Pública de Pelotas.

ALMANACH de Pelotas. Variedades, Informações, Propaganda. XIX Ano. Direção de Florentino Paradedá. Pelotas: Tipografia Livraria do Globo, 1931. Acervo Histórico da Bibliotheca Pública de Pelotas.

ALMANAQUE de Pelotas. Variedades, Informações, Propaganda. XX Ano. Direção de Florentino Paradedá. Pelotas: Tipografia Livraria do Globo, 1932. Acervo Histórico da Bibliotheca Pública de Pelotas.

ALMANAQUE de Pelotas. Variedades, Informações, Propaganda. XXI Ano. Direção de Florentino Paradedá. Pelotas: Tipografia Livraria do Globo, 1933. Acervo Histórico da Bibliotheca Pública de Pelotas.

ALMANAQUE de Pelotas. Variedades, Informações, Propaganda. XXII Ano. Direção de Florentino Paradedá. Pelotas: Tipografia Livraria do Globo, 1934. Acervo Histórico da Bibliotheca Pública de Pelotas.

ALMANAQUE de Pelotas. Variedades, Informações, Propaganda. XXIII Ano. Direção de Florentino Paradedá. Pelotas: Tipografia Livraria do Globo, 1935. Acervo Histórico da Bibliotheca Pública de Pelotas.

Referências

BARTHES, Roland. *A Câmara Clara*. Lisboa: Edições 70, 1980.

DEL PRIORE, Mary. *Histórias e histórias de mulher*. São Paulo: Planeta, 2013.

D'INCAO, Maria Ângela. Mulher e família burguesa. In DEL PRIORY, Mary (org.) *História das Mulheres no Brasil*. 7 ed. São Paulo: Contexto, 2004. p. 223-240.

- FUNCK, Susana. Discurso e identidade de gênero. In: CALDAS-COULTHARD, Carmen Rosa; SCLIAR-CABRAL, Leonor (Org.). *Desvendando discursos: conceitos básicos*. Florianópolis: EDUFSC, 2007, p.183-195.
- LONER, Beatriz Ana. *Classe operária: organização e mobilização em Pelotas: 1888-1937*. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, Porto Alegre, 1999.
- MACIEL, Patrícia Daniela. *O ensino feminino privado em Pelotas/RS, através dos anúncios de jornais (1875-1890)*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Pelotas, UFPel, Pelotas, 2007.
- MALUF, Marina; MOTT, Maria Lúcia. Recônditos do mundo feminino. In: NOVAIS, Fernando A.; SEVCENKO, Nicolau (Org.). *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 367-421.
- PEDRO, Joana Maria. Memória, gênero e “artes” do feminismo. In: SILVA, Ursula; MICHELON, Francisca Ferreira; SENNA, Nádia da Cruz (Org.). *Gênero, arte e memória: ensaios interdisciplinares*. Pelotas: Ed. da UFPel, 2009, p.27-43.
- PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2012.
- PINTO, Céli Regina Jardim. Feminismo, história e poder. *Rev. Sociol. Polit.*, Curitiba, v.18, n.36, p.15-23, jun. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-447820100002_00003_&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 12 ago. 2014
- PISCITELLI, A. G. Re-criando a categoria mulher? In: Algranti, Leila Mezan. (Org.). *A prática feminista e o conceito de gênero*. Campinas: IFCH/UNICAMP, v. 48, p. 7-42, 2002. Arquivo digital, s.p... Acesso em: 26 nov. 2014.
- ROSALDO, Michelle; LAMPHERE, Louise. *A mulher, a cultura e a sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, p.17 a 64.
- RUBIN, Gayle. *O tráfico de mulheres: notas sobre a “economia política” do sexo*. Recife: SOS Corpo, 1993.
- SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*. Porto Alegre, vol. 20, n. 2, p.71-99, jul./dez. 1995.